

ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

A PAIXÃO DE CRISTO, EM GERAL, NA VIDA DE PE. GASPAR.

“Eu estou crucificado, eu estou morto; mas nem com tudo isto é válido o meu amor, senão pregado na Cruz. com Cristo, na mesma cruz de Cristo”.

"É uma resoluta decisão minha seguir-te de perto, quanto mais me for possível e de imitar-te em suportar toda injúria, todo vitupério e toda pobreza, tanto real como espiritual". (EP. Pág. 96).

Como se percebe, Pe. Gaspar não considera a perfeição cristã em abstrato, mas procura imitar Cristo através de experiências concretas, encarnadas na história, em uma época, em um país, em uma determinada estrutura psicológica.

O nosso Fundador vê os diversos estágios da perfeição cristã justamente nessa semelhança com Cristo, na sua filial relação com o Pai e na sua missão, totalmente expressa na paixão e na morte.

"Mostra, pois, a essas almas que devotamente contemplam aquelas cruéis chagas que te fizeram os mesmos cravos que antes dilaceraram as mãos e os pés de Jesus. Mostra o lugar onde em ti reclinou expirando... amigo fiel, irmão muito terno, esposo amabilíssimo, gentilíssimo. Mostra, finalmente o sangue espalhado por seu amor..." (MS 430).

"...Ele não tem somente as mãos e os pés dilacerados pelos cravos que o magoam, mas todas as outras partes do corpo, todas feridas, sofrem dores acerbíssimas..." (MS 460).

O Crucifixo é apresentado na primitiva regra como valor fundamental.

"Assim como o Apóstolo diz: 'Não creiais em saber outra coisa entre vós senão Jesus Cristo e este crucificado' e assim como Cristo disse de si mesmo: 'Eu sou o Alfa e o Omega, princípio e fim'; por isso todos os irmãos comecem absolutamente daqui". (cf. CF 51).

A paixão de Cristo é, na verdade, uma constante que invade toda a vida de Pe. Gaspar.

"E todavia sabemos - diz Pe. Giacobbe - quanto ele era apaixonado pela literatura e belas artes, quanto gostasse da harmonia, e nascido para exprimir o belo e o agradável.. Em tudo isto conservou sempre aquela sobriedade do não 'saber mais do que é necessário saber'; e jamais permitiu que a sua sabedoria se desviasse daquela ciência sublime de saber unicamente o seu Senhor Crucificado..." (EP p. 319).

Desde os primeiros anos de sacerdócio sabemos como Pe. Gaspar era embebido no "seu Senhor Crucificado", e quanta devoção tinha ele pela paixão de Cristo. O seu primeiro biógrafo deixa indiretamente transparecer como o Crucifixo entrou desde esse tempo na vida de Pe. Gaspar com uma espécie de santa invasão, quando fala da "Via Sacra" que todos os domingos, juntamente com alguns jovens, fazia antes da aula de catecismo. (EP pág. 323).

Parece que justamente por causa dessa sua "identificação" com a Paixão de Cristo, Pe. Gaspar foi escolhido, entre cerca de cinquenta padres que viviam na paróquia, para fazer o sermão da sexta-feira santa de 1801. (SA, p. 124).

Chegou até nós a descrição de como se desenvolvia o domingo do jovem Pe. Gaspar em Campo de Marte. Ao primeiro toque do sino que chamava para o catecismo, Pe. Gaspar entrava na igreja de São Paulo e com alguns dos seus fiéis e escolhidos do Oratório fazia a Via Sacra "com tal piedade e devoção, mostrando com sinais evidentes, como estava profundamente compenetrado da compaixão pelos sofrimentos de Cristo". Depois saía da Igreja uma pequena procissão precedida por um crucifixo. A procissão ia se engrossando de jovens enquanto passava pelas ruas da paróquia e caminhavam todos para o catecismo. Os catequistas eram os mesmos jovens que faziam a Via Sacra com Pe. Gaspar. O seu fervor tinha sido renovado pela meditação dos sofrimentos da Paixão de Cristo.

(De 'A experiência de Jesus Cristo na vida de Pe. Gaspar Bertoni'. Pe. Joseph C. Henchey).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

A PAIXÃO DE CRISTO NO APOSTOLADO DE PE. GASPAR

Nos momentos mais de sua missão apostólica, particularmente quando encarregado pelo Bispo devia orientar sacerdotes em condições difíceis, recolhidos no seminário de Verona, Pe. Gaspar sentiu, nervosismo e dificuldades no apostolado como um estar na "escola de Deus".

"Terminada a Missão de São Firmo, continuou a confessar ainda por muito tempo e para conservar o fruto dela, todos os dias fazia a Via Sacra. Mas como desde o início resolveu que esse exercício da Via Sacra fosse uma continuação da Missão, preparou material que servisse para converter pecadores e para consolidar os bons. Portanto com uma seqüência admirável, cada dia, no momento oportuno, sabia fazer novas "invocações", adaptadas para isso e convenientes com o mistério que se meditava em cada estação. Cada dia, para essa Via Sacra, concorria um grande número de pessoas, e percebia-se o fruto pelas muitas conversões e pelo aumento da piedade"; e nessas ocasiões, muitas vezes, foram vistas pessoas chorando, tal era a solidez dessas pequenas práticas e a unção e o fervor com que se fazia". (B.G.Bertoni, Nello Dalle Vedove, p. 185).

Toda sexta-feira, à tarde, a partir de 1822, a convite do Bispo, Pe. Gaspar fazia um Pio Exercício em honra dos Sagrados Estigmas. O esquema era o seguinte: no início cantavam-se os "gradi" (algumas antífonas) da Paixão do Senhor. Segue-se pelo espaço de meia hora uma palestra de cunho moral, tirada de um livro da Bíblia. A palestra, além de ser uma exortação para as virtudes cristãs, tinha, como finalidade suscitar a devoção ao Crucifixo e às Chagas do Senhor. O pio exercício terminava no altar do Crucifixo, com a adoração das Cinco Chagas e orações apropriadas.

Em toda sua pregação Pe. Gaspar mostra o Senhor presente na sua vida e procura, por meio de suas palavras, torná-lo presente aos ouvintes.

"Por isso nada mais devo fazer que, expondo com toda simplicidade os fatos como naturalmente aconteceram, tornar a Paixão de Cristo bem próxima, não só do vosso pensamento, mas dos vossos próprios olhos, para que ela muito enternecedora em si mesma, torne-se objeto atual da vossa mais terna compaixão". (MS 428).

Damos assim mais um exemplo desse aspecto da sua pregação com a seguinte "invocação à Cruz":

"Santa Cruz, que eu devo adorar como a única fonte que foste digna de amparar aquela augusta vítima que, em ti foi crucificada pelas nossas culpas, eu bem sei que muitos e vários afetos tu podes despertar nos corações destes ouvintes, tu que agora te tornaste o estandarte da sua fé, o fundamento das suas esperanças, o conforto dos pobres, o desejo dos justos, o terror do inferno». (SA, p. 515).

A Paixão, em geral, e os Estigmas em particular são temas frequentes também nas suas relações epistolares. Muito significativos, para isso, alguns trechos das cartas ao Pe. Bragato:

“Se não podes estar em uma casinha com o corpo (a casa dos Estigmas), esteja com o espírito “in caverna maceriae” nas chagas do nosso sensibilíssimo Salvador, onde te deixo, abraçando-te com todo o coração”. (EP, p. 515).

Também o modo significativo com que termina uma carta à Naudet:

“Deixo-te nas Chagas amorosíssimas de Jesus onde desejo que habites”. (Summarium additione, p.189).

(De “A experiência de Jesus Cristo na vida de Pe. Gaspar Bertoni.” - Pe. Joseph C. Henchey).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

OS ESTIGMAS E OS SOFRIMENTOS DE PE. GASPAR.

É uma clara característica de Pe. Gaspar considerar o sofrimento físico e os insucessos no apostolado, à luz da Paixão em geral e dos Estigmas em, particular. Quando um decreto do governo interrompeu uma Missão em São Firmo que estava tendo grande sucesso, Pe. Gaspar sentiu desprazer. Porém, procurou salvar o que pôde da Missão, dedicando-se dia e noite, durante alguns meses, a atender confissões. Conseguiu também, substituir as pregações oficiais proibidas com a Via Sacra comentada.

Não é fácil elencar todos os elementos da vida de Pe. Gaspar que mostram o seu contínuo esforço em perder a sua personalidade. O modo com que Pe. Gaspar reagia e se exprimia durante os longos períodos de isolamento e de sofrimento físico é um caminho privilegiado para uma compreensão profunda de seu espírito invadido de autêntica esperança. Acontece muitas vezes que o sofrimento e o isolamento fazem transparecer o verdadeiro interior de uma pessoa. Porém em situações tais, Pe. Gaspar não se deixa levaria grandes afirmações sapienciais. "Pode-se dizer que foi verdadeira humildade - escreve o Pe. Giacobbe - o não mostrar nada de si, nem singular, sem extraordinário em toda sua doença; o não expandir-se em peregrinas exclamações ou sapienciais sentenças". Ao contrário, ele confessa toda a sua fraqueza e suas limitações por ocasião do sofrimento:

"Seja a debilidade da minha mente fatigada pela doença, pelo medo e pela dor, de sorte que fizeram esta manhã, seja o negócio difícil em si mesmo, como acredito eu, de ontem para cá, pensando, não encontro soluções senão com conseqüências desagradáveis".

"Apesar de tudo isso Pe. Gaspar permaneceu solidamente firme na paciência e no espírito de Santo Abandono (Lc 24,49: 'Permaneei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto')". Segundo seu primeiro biógrafo, eram freqüentes suas expressões de amor a Jesus da cruz. A sua ânsia constante era participar sempre mais profundamente do grande drama da Paixão de Jesus Cristo. O seu grande escopo, durante toda a vida, foi de associar-se ao Senhor no Calvário. Justamente aí estava o segredo da sua força de espírito. Ele traduzia na sua vida a expressão de São Paulo: 'Trago no meu corpo os Estigmas do Senhor' (Gl 6,17); e ainda: 'Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja' (Col 1,24).

Permanece significativa para nós a expressão de Pe. Gaspar sofredor: "Eis-me na escola". De 1842 até sua morte em 1853, não mais saiu de casa. Não se conhece a natureza de sua doença. Todavia o mal e as freqüentes operações certamente fizeram-se presentes nesses últimos anos de vida. Pe. Gaspar sofreu uma terrível artrite, distúrbios estomacais e uma debilidade geral. Mas ele aceitou toda esta situação como uma espécie de mistério, sinal de um particular desígnio da Providência. O seu sofrimento era como dar vida a um sacerdócio delineado sobre a imagem de Cristo crucificado, marcado pelas Cinco Chagas.

Mas deixemos falar o próprio Pe. Gaspar, através de suas cartas, para descobrir com que sentimentos ele viveu essa dolorosíssima experiência.

- "O Senhor colocou-me no leito..." (Cant 2,4).

- "O Senhor tirou-me a Missa e o Ofício esta manhã, porque começou a purgar aquele tumorzinho no joelho. Veremos o que Ele quer". (EP, p. 56).

- "Parece que a divina Providência, se não for minha pouca fé, quer dar-me vez por vez aquela pouca santidade que me é necessária para continuar a viver e fazer alguma coisa. Tem razão, não uma, mas mil". (MP - 16.11.1808).

- "Ele me quer ferido, não morto. Assim eu possa servi-Lo e não abusar de suas graças, e fazer a penitência que me é necessária". (S. Teresa).

Nesta experiência Pe. Gaspar não estava muito longe do seu chagado Mestre, como ele mesmo o descreve em uma pregação:

"O suplício de Jesus excede, ou por assim dizer, transcende todos os suplícios. Não somente das mãos e dos pés, mas de todas as partes do corpo todo chagado - Ele recebe num mesmo instante dores agudíssimas, muito mais dolorosas, porque essas feridas tinham sido reabertas... Os carrascos de Jesus que não lhe deixaram nenhum membro sem ferimento, não permitiram que nenhum dos sentidos ficasse sem um tormento particular".

(De "A experiência de Jesus Cristo na vida de Pe. Gaspar Bertoni." - Pe., Joseph C. Henchey).



BOAS FESTAS BERTONIANAS

"Na sua carta você me augura mil bênçãos para este ano, não excluindo as cruzes. Eu o agradeço por tanta benevolência, sumamente espiritual.

Com efeito que melhor bem poderia desejar a meus amigos, senão as cruzes? Certamente a mim não podia dar um prazer maior. Não que eu tenha a força de carregá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las; e espero das suas orações e da divina misericórdia juntamente com o padecer também a paciência. A gora, vendo-as a seu tempo aparecer desde os primeiros dias do ano, acolho-as de boa vontade e digo: eis as cruzes que me foram anunciadas pelo meu Pe. Luiz: seja bendito o Senhor." (Epist.. p. 317).

SÃO GASPAR – O HOMEM DO CONSELHO

A saúde de Pe. Gaspar, como é conhecido, jamais foi maravilhosa. Ao contrário, depois de 1825 foi obrigado, por períodos cada vez mais longos, a permanecer na cama. Esta realidade modifica radicalmente seu projeto. Não é mais o apóstolo dos jovens, nem o Missionário Apostólico, nem o Fundador infatigável dos Oratórios Marianos. A polícia pode ficar tranqüila! Parecia ter desaparecido. Sem saída social. E, ao contrário, eis que surge um novo filão: "O Homem do Conselho", que o torna igualmente presente - mesmo de maneira indireta - na vida religiosa e no contexto social do seu tempo.

A primeira coisa que se encontra agora em Pe. Gaspar é o acolhimento. Assim o descreve nas suas Constituições: "A caridade antes de tudo deve-se demonstrar no acolhimento, que deve ser acompanhado dos sinais externos da maior amizade (...) sem poupar trabalhos ou despesa (...)" É o retrato fiel da comunidade dos Estigmas: "se quer saber o que é mais notável neles, é a humildade, a caridade, e um tratamento muito afável".

Pe. Bresciani assim descreve Pe. Gaspar: "Um sacerdote com uma veste pobre, quase um anacoreta (...) que desde a entrada da porta atrai o visitante com a afabilidade do encontro e uma saudação reverente, quando ao invés de mostrar-se dono do quarto, prefere ser o criado".

Os testemunhos sobre esta atividade são infinitos. Eis alguns: "Quantos eclesiásticos, de todas as classes e com todos os vínculos, vinham aconselhar-se com ele (...) uns para resolver casos de consciência, outros para assuntos e negócios de máxima importância, outros ainda para sua particular direção espiritual". E não só eclesiásticos, mas "qualquer um que tivesse problemas em alguma questão de momento". Nobres, burgueses, povo, magistrados, profissionais, estudiosos, qualquer estado e qualquer condição. Típica a afirmação de um magistrado, depois de uma conversa: "Aqui se vem para aprender".

Uma nova missão social, portanto, que atinge o mais profundo das pessoas e das instituições.

A sua importância social se alarga, pois, em progressão geométrica, no instante em que Pe. Gaspar se torna "alimentador de todas as obras de religião que surgiam na cidade",

sobretudo daquelas que têm uma finalidade direta de promoção humana e social entre os pobres. Mostraremos o seu apoio ao trabalho para com as meninas pobres de Teodora Campostrini, os preciosos conselhos dados ao Pe. Nicolau Mazza, "sacerdote veronês ardente de caridade para com Jesus Cristo e a juventude", fundador "do Instituto de educação doméstica para as meninas pobres e em perigo", cuja escolha e decisão amadureceu (1829) por providencial circunstância justamente aos Pe.s de Pe. Gaspar: "Que devo fazer? Eu não sei com que meios. E ele encorajou-me, dizendo: Faça, faça!" Um conselho que vale uma obra.

Diga-se o mesmo do Pe. A. Provolo: "sempre que estava em dúvidas recorria ao Pe. Gaspar e sempre foi orientado para o caminho certo".

(continua)

(De "A sensibilidade social do B. Gaspar Bertoni -Pe. Giancarlo Bregantini).



SÃO GASPAR - O HOMEM DO CONSELHO (cont.)

Uma palavra sobre a amizade, feita de diálogo sincero, de respeito recíproco, mas também de trabalho e dificuldade que houve entre Pe. Gaspar e Pe. Antônio Rosmini.

Encontraram-se em 1826: Pe. Rosmini tinha 29 anos e Pe. Gaspar andava pelos 49. Mas a admiração e a estima são imediatas:

"Permita sua caridade - escreve Pe. Rosmini - que chegue até você, depois de ter estado pessoalmente, talvez fazendo-o perder preciosos momentos. A única razão que me leva a escrever-lhe é de aproveitar suas luzes e seus conselhos (...) Expus-lhe, então, o meu pensamento geral e o envio agora para que o veja, e queira ter a caridade de fazer em cima, todas as reflexões que lhe parecerem (...)" (Milão, 15 de março de 1826).

A resposta de Pe. Gaspar foi também muito clara quanto cortês. É uma das cartas decisivas, na elaboração do carisma, tanto de Pe. Gaspar quanto de Pe. Rosmini:

"(..) É preciso ter cuidado para que os párocos não percam o espírito da disciplina em que foram formados e não desperdicem, restringindo sua caridade a um pequeno cuidado, os desígnios de uma caridade mais difundida e universal e tirando para si e para a parte do rebanho de Cristo que eles apascentam, os auxílios que porventura bastariam, se bem distribuídos, a toda uma diocese". (De Verona, no dia 27 de março de 1826).

É uma intervenção profunda. Aparecem duas linhas, claramente distintas: a perspectiva diocesana de Pe. Gaspar e a dimensão paroquial de Pe. Rosmini. O pensamento de Pe. Gaspar foi rebatido alguns anos depois, justamente quando Pe. Rosmini estava para ser nomeado arcebispo de Rovereto: "Mas Pe. Gaspar não quer ceder e consentir, e as razões que apresenta são justíssimas, porquanto, ele o vê em um estado mais ajustado a trabalhar para a glória de Deus não estando ligado à paróquia, que estando ligado" (19 de junho de 1834).

Pe. Nello Dalle Vedove comenta: "Quando apenas um ano depois, Pe. Rosmini renunciou a paróquia, todos compreenderam que Pe. Gaspar tinha razão."

É o perfil de uma amizade feita de sinceridade recíproca. Os acontecimentos sucessivos, sobretudo nos meses que precederam à publicação (1848) da famosa obra de Rosmini "As cinco chagas da S. Igreja", com a conseqüente intervenção do Índice (1849), abalaram esta amizade, com momentos também de tensão e preocupação em Pe. Gaspar. A questão é complexa. Pe. Stofella no seu *Summarium Additionale* a apresenta nas linhas principais. A nós, aqui, o fato nos mostra uma pergunta: "Até que ponto Pe. Gaspar foi sensível aos problemas da renovação e transformação das estruturas eclesiais?" Problema angustiante para Pe. Rosmini, e muito menor para Pe. Gaspar, seja porque cresceu durante uma fase de violento ataque à Igreja, nos tempos da Revolução Francesa e da ocupação napoleônica, seja porque profundamente inserido em uma Igreja local positiva e ativa no plano das respostas aos problemas do tempo (cfr. as numerosas fundações de congregações religiosas surgidas em Verona, naqueles anos, para resolver os dramáticos problemas sociais do tempo), seja enfim porque a Igreja, no contexto da restauração, assumiu uma tarefa de sistematização ideológica e social, que não

desagradava a Pe. Gaspar. "Abominava o espírito de novidade, e também da indocilidade. E como conseqüência, contra o volátil espírito da opinião variável e oscilante, opunha o antigo bom senso uniforme dos santos padres (...) e contra o presente espírito de sistematizada indocilidade, colocou exemplo assaz luminoso na sua ótima Congregação de padres livres, que dos seus exemplos já há bem trinta anos dependiam em tudo (...)". (Pe. Sório).

Agrada-me concluir este espinhoso episódio, com este testemunho do Pe. Rosmini escrito ao Pe. Bragato em março de 1846:

"Pe. Gaspar, tendo lido minhas regras, deu-me um eficaz impulso para começar, dissipando todas minhas dúvidas; de tal modo que o instituto nasceu justamente na casa dele". (Summ. Add.).

(De "A sensibilidade social do B. Gaspar
Bertoni - Pe. Giancarlo Bregantini).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

SÃO GASPAR: OS DOENTES E OS IDOSOS

Pe. Gaspar encontra-se envolvido nos fatos sociais, ainda antes de poder analisá-los.

Embora originário de uma família da médio-burguesia, rica de tradições profissionais ligadas ao ambiente da nobreza de Verona... passa lenta, mas progressivamente, para um teor de vida frugal em certos momentos realmente pobre. Sofre assim na própria pele a tremenda passagem sociológica, então muito em voga, de uma nobreza antiga e cheia de dignidade, ainda que altiva, para uma burguesia empreendedora e capaz, mas ávida e rapinante.

Uma outra duplicidade está presente na vida do jovem Gaspar: cresce entre o afeto forte e possessivo de pessoas idosas, que porém, ele vê morrer uma a uma, mas sem o afeto constante e diário de uma família unida e serena.

Experiências amadurecedoras, portanto as de dentro da família, como também experiências plenas de coragem e sensibilidade se originam da militância na “EVANGÉLICA FRATERNIDADE”, fundada em 1796 pelo Pe. Leonardi.

“Belas provas de ânimo forte deu Pe. Gaspar desde jovem sacerdote, principalmente na assistência aos pobres enfermos nos hospitais, onde ele encontrava todas as suas delícias, dividindo com outros generosos companheiros as fadigas e as penas”, escreve Pe. Giacobbe na sua vida. E o Pe. Bresciani que, freqüentara os hospitais desde a sua juventude, como bom camiliano, nos dá este testemunho direto: “... vede-o nos hospitais, nos cárceres, junto aos condenados, nos leitos dos enfermos pela caridade”.

Aprendeu assim a estar próximo do sofrimento, a amar e cuidar dos enfermos com “doçura e complacência”, sobretudo os incuráveis.

Atualmente discute-se em nível historiográfico a importância que teve em Verona a “Evangélica Fraternidade”, na formação e na tempera de pessoas corajosas, amadurecendo-as para o carisma da “fundação” (Bertoni, Canossa, Steeb). Uma coisa é certa: esta experiência abriu ainda mais os olhos de Pe. Gaspar, em um momento delicado de sua vida que era a imediata preparação ao Sacerdócio e a s primeiras experiências pastorais.

Desta atitude nos resta um estupendo testemunho nas suas Constituições, que são o vértice do caminho espiritual de Pe. Gaspar:

“No cuidado com os enfermos, que deve ser o primeiro e mais importante, compreendem-se todas as obras de misericórdia, com as quais os confrades socorrem-se mutuamente, ora cuidando dos enfermos, ora consolando os aflitos, ora ajudando os cansados, ora confortando os vacilantes, ora corrigindo e levantando os caídos” (CF 234).

É também precioso um testemunho, de fonte leiga. Nas margens do Ádige, perto da Torre al Batello della Vitória, “foi instituído um Hospital provisório dos Prisioneiros Pobres, com o objetivo de tratá-los”. Porém “há falta de todo o necessário em questão de mobília corno do alimentação. ... E, então, eis a solução: (na palavra do) responsável da coisa pública

"procure entender-se com o exemplar religioso, Sr. Pe. Gaspar Bertoni não somente pelas esmolas, mas também para assistir o Hospital e inspecionar os mantimentos do doentes e suas necessidades..." Nasce, desse modo, também uma imagem nova de Pe. Gaspar: um organizador estimado e procurado no campo da caridade. Fruto, não pequeno certamente, dos diversos anos de militância na "Evangélica Fraternidade".

("A sensibilidade social de São Gaspar Bertoni,
primeira parte, números 01 e 02 – Pe. Giancarlo Bregantini, css).

• • •

Ainda nas Constituições do Fundador:

“Lupo diz na Regra aos Monges: ‘Se alguém fica doente, seja levado a um local mais adequado, e confortado com a presença dos confrades mais idosos para não sentir o desejo de gozar das comodidades da cidade ou do carinho do afeto materno” , (240).

"E afirma que se deve cuidar dos enfermos, ‘como irmãos do Senhor’. Com muita propriedade também São Bento: 'O desvelo para com os enfermos deve preceder e estar acima das demais coisas, de tal modo que a eles se prestem serviços como se os prestassem a Cristo'" (236).

◇ ◇ ◇

ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

SÃO GASPAR E A IGREJA DO SEU TEMPO

Se São Gaspar voltasse a viver entre nós, inserido nas engrenagens dos acontecimentos sociais e eclesiais fortemente acelerados, até ele mesmo ficaria traumatizado. No meio de tanta proliferação de opiniões e de teologias, repetiria: "Não basta aos instruídos ler as Escrituras. Tanto aos sábios como aos ignorantes é necessário o magistério da Igreja".

E ainda: "o douto não presuma: tem acima de si um juiz vivo infalível, supremo: a Igreja apostólica romana". Falaria como profundo erudito que folheou por muito tempo, os poderosos e talvez poeirentos volumões da Tradição e da História da Igreja; mas ainda mais abriria seu coração de crente e de amante, feliz de viver nesta casa, a Igreja exatamente, um pouco antiga e necessitada de reformas, na verdade, mas na qual vive e age sempre Ele, Jesus Cristo.

Para Pe. Gaspar, falar da Igreja é sempre falar de Cristo vivo entre os homens; do seu Espírito criador, que age nos crentes. Fala dela como de uma realidade vital que só se deve acolher se se quer viver.

Existem realidades que só se compreendem quando se as ama. A Igreja é uma delas. "Queimar" vale mais que "conhecer", afirmava S. Bernardo. Pe. Gaspar não faz da Igreja um tema reflexo de modo explícito. Nisto se mostra muito próximo das primeiras gerações cristãs, as quais "se sentiam Igreja", viviam no campo da luz e da santidade. Mais que objeto de estudo, ela era a forma do seu pensamento. A realidade possuída dispensava-o da necessidade de conceituá-la.

Alguém disse: a última coisa que um peixe, chegado à consciência reflexiva, notaria, seria a água na qual ele nada. Para ele trata-se de uma coisa de tal modo familiar e evidente, que nem faz caso dela.

A Igreja, como lugar de comunhão com Deus é o melhor projeto do amor de Deus no mundo: pelo fato de falarmos nela, seria sinal se que estamos separados?

A teologia de Pe. Gaspar é a teologia dos santos; ela deriva de uma experiência concreta da realidade divina. Não se colocou em atitudes de crítica, embora se trate de crítica construtiva, senão daquela que leva à conversão. Não teria querido nem podido fazer diferente.

Sentiu-se sempre bem nas estruturas visíveis que a Igreja lhe oferecia: tudo para ele se desenvolvia em uma família que amava. A lealdade total e fervorosa da sua adesão dava-lhe uma confiança absoluta na Igreja, assim como historicamente se apresentava.

Escreve Pe. Nello: "Quão estridente o contraste entre a conclamada liberdade dos povos e a situação em que, já há anos, se encontrava Verona, dominada por dois rivais estrangeiros, que por mais que tentassem reparar os estragos materiais e morais que já lhe haviam proporcionado, as condições se agravavam sempre mais".

O Bispo D. Avogadro logo à chegada dos invasores com o grito de "liberdade e igualdade" recomendou repetidas vezes aos seus sacerdotes que explicassem aos fiéis o sentido cristão e evangélico destas palavras. No que se referia em particular ao conceito de liberdade ele dizia que não se entende como "um direito absoluto do homem pelo qual ele possa a seu bel prazer desafogar as paixões, seguir qualquer insana vontade sua e viver sem nenhum castigo"; "não é porque o homem é livre que pode fazer tudo que ilicitamente quiser".

E Pe. Gaspar em uma de suas pregações afirma que lhe parece ver alguns ainda seguros "entre os ignóbeis grilhões de sua servidão" e outros que já se julgam livres, serem ainda presos, ainda que mais de longe, por uma vã ilusão de seus adversários.

Falar da liberdade sempre foi muito fácil e difícil ao mesmo tempo.

Nos anos pós-Concílio e também no tempo de Pe. Gaspar, muitos leigos e sacerdotes, jovens e pessoas consagradas, deixaram a Igreja. Por quê? Ou porque pretendiam procurar e viver uma liberdade diferente da ensinada pela Igreja ou porque - seja dito também isto - a Igreja, embora leve no coração do anúncio a mensagem da verdadeira liberdade, j não soube mostrar-lhe a autêntica imagem.

Se quiséssemos condensar em uma palavra a fisionomia eclesial de Pe. Gaspar, penso que poderíamos dizer: foi um homem empenhadíssimo e amante da igreja; aceitando todas as estruturas próprias do tempo em que vivia.

(Pe. Gaspar Bertoni: homem eclesial.
Pe. Fausto Longo).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

A SABEDORIA DA CRUZ

"Como Cristo completou a Redenção através da pobreza e das perseguições, assim também a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação". (LG).

As palavras tiradas do Concílio Vaticano II parecem exprimir melhor que qualquer outra expressão as intenções e motivações que sustentaram Pe. Gaspar no seu serviço eclesial. A certeza de que Deus o chamou justamente ele, para um serviço tão elevado constitui a sua humilde ambição e a sua alegria mesmo nas horas difíceis do sofrimento. A vida de Pe. Gaspar foi uma vida empenhada: a vida de um homem amante de todas as coisas belas, erudito, provido de muitos talentos, mas também experimentado por muitas fadigas, até mesmo de muitas falhas. Tendo diante dos olhos o Modelo, o grande Falido na cruz, Pe. Gaspar realizou-se plenamente, porque viveu em profundidade a sabedoria da cruz. "O esforço de reproduzir em si a 'Kénosis' de Cristo foi talvez o mais característico de toda espiritualidade bertoniana".

Queremos seguir aqui este filão de ouro que liga e ao mesmo tempo explica muitos dos seus comportamentos e situações: a sua fragilidade física, a devoção a Cristo crucificado, a tomada de posição contra o mundo, as falhas, o seu espírito de abandono. Como ousar penetrar nesta intimidade? Vale a pena ao menos tentar.

I. A FRAGILIDADE FÍSICA DE PE. GASPAR.

Os especialistas, quando se informam sobre as "fontes" da pregação de São Paulo, ou da sua teologia, enumeram normalmente: em primeiro lugar o ensinamento de Jesus, a Bíblia, isto é o A.T., a tradição apostólica.

E acrescentamos: fonte para a própria experiência de Paulo, que começou no caminho de Damasco e se aprofundou pouco a pouco até poder dizer "Cristo vive em mim" (Col 2,20) e: "o que falta das tribulações de Cristo, completo na minha carne, pelo seu corpo que é a Igreja" (Col 1,24).

Estamos convencidos que Pe. Gaspar chegou a tão alta comunhão com Cristo através do jogo providencial do Artífice que o colocou à prova, e o aperfeiçoou por longos anos. A doença apareceu em outubro de 1812 e nunca mais o deixou. Houve pequenas tréguas, depois "de novo, me fizeram um bom corte!" (Ms 77).

"Se o servo de Deus tivesse sido só um homem de ação, aquela doença cruel, que embora com variados intervalos o terá em suas garras nos restantes 40 anos de vida, teria feito dele um homem acabado e para sempre".

Mas Pe. Gaspar sabia, como sabia São Paulo, trabalhar pela Igreja mesmo naquela fatigante participação da paixão de Cristo.

"Esta é a melhor porção que Deus reserva aos seus mais queridos, e não é bocado para todos". (EP).

"Um pouco no alto, um pouco em baixo, uma dentro, outra fora, segue em frente nas pegadas daquele que o precedeu com a sua Cruz às costas". (MS).

À medida do lugar que alguém ocupa no corpo de Cristo que é a Igreja, lhe será pedido também sofrimentos em quantidade proporcional. Existem homens aos quais Deus entrega uma missão particular, não para si, mas para os outros; devem ser a cidade sobre o monte, para defender e orientar os que vivem na planície; devem fazer chegar aos outros a luz que recebem sobre o monte, viver a segurança da fé a eles comunicadas como um bem social e eclesial.

Devem mostrar como se comporta o amor total, a completa confiança e ao mesmo tempo devem ser com o próprio exemplo a mão estendida para ajudar a levantar os outros.

No começo Abraão, o pai dos crentes, concentrou em si todo Israel. Na Anunciação produziu-se uma nova concentração de Israel, Servo de Iahvé, em Maria, Serva do Senhor e mãe dos crentes.

Agora Pe. Gaspar renova tal concentração e aceita ser um novo Abraão para sua família religiosa; um aluno modelo "na escola de Deus". Este rude aprendizado constituiu um componente decisivo no amadurecimento da sua personalidade.

Fica fácil, então, compreender a devoção de Pe. Gaspar à prática da sexta-feira na igreja dos Estigmas. Era apaixonado por ela, e a presidiu ele mesmo enquanto as forças Iho permitiram.

Ninguém mais que ele estava persuadido que a luz e a força da fé e do testemunho irradiava da Ressurreição de Cristo. Não é muito original que um homem sofra e morra: mas que Jesus, Filho Unigênito e Revelador do Pai tenha feito isto, para Pe. Gaspar bastava para decidir que nada "mais o desviasse daquela sublime ciência de saber unicamente o seu Senhor crucificado".

E Pe. Giacobbe acrescenta ainda: "Sabemos que ele tinha um tal desejo do martírio que somente ao falar dele, ou ouvir falar ou ler sobre os antigos, ou nossos mártires contemporâneos, sentia um arrebatamento de alegria; nem o conseguia ocultar bastante, sem que o cintilar dos olhos e o enrubescer do rosto, mostrasse seu ardentíssimo desejo".

E é tão eloqüente, na igreja dos Estigmas, aquele Jesus na cruz que baixa seu olhar sobre os restos mortais daquele que viveu tão unido à Paixão do seu Senhor!

Será muito fácil ver quanto ele soube transmitir tal amor aos seus filhos mais próximos; basta ver as pregações preparadas por Pe. Carlos Fedelini para as sextas-feiras de todo ano (de 1839 para diante) ou de Pe. João Batista Lenotti que esteve ao lado de Pe. Gaspar desde estudante.

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

O MUNDO E O EVANGELHO

Hoje, como no tempo de Pe. Gaspar, há o risco de alimentar a própria reflexão só com o que lhe oferece o mundo; e os alimentos do mundo tão abundantes e atraentes, nos são oferecidos através da TV, do rádio, da imprensa, das publicações, das manifestações (pseudo)-culturais de todo tipo.

Se confrontarmos as situações eclesiais de hoje com aquela existente no tempo de Pe. Gaspar, temos a sensação de viver em um clima de insegurança.

"Parece, quase, que o homem que não é impaciente, que não é atormentado por problemas, seja um retardado, um deficiente e que a normalidade seja feita por agitações e inquietações" (Y.Congar).

A Igreja é feita para homens e a eles adaptada, talvez até muito. Desde as primeiras gerações, quando ela ultrapassava apenas os limites de Jerusalém, a Igreja já refletia em si mesma os traços (= as misérias) da comum humanidade. Logo São Paulo supôs que nas suas comunidades existem pecadores, cristãos que cometem até coisas que não acontecem nem mesmo entre pagãos (cf. 1Cor 5,1) É humana e divina, um dom que desce a nós do alto e que vem de baixo; é feita de homens e os homens com todo o peso da natureza pesada e ferida, opõem resistência à vida que a própria Igreja se esforça por fazer penetrar neles. "O nosso mundo é um grande hospital de doentes: todos se queixam, mas ninguém acaba sarando mesmo quando há um remédio adequado" (N.D.V.).

Pe. Gaspar não conhecia meios termos. Nos Cursos de Exercícios ao Clero e em toda ocasião, com franqueza, liberdade e coragem denuncia, com o preto no branco, as situações erradas.

Como por exemplo as de eclesiais que se deixavam enredar por frivolidades e vaidades, até exclamar assim: "Clérigos enamorados: ó Deus que desordem; Quanto mais se são sacerdotes!" Sta. Teresa d'Ávila teria definido tais atitudes: "Amorzinhos desprezíveis e insignificantes daqui de baixo".

Enquanto enaltecia o exemplo de "tantos seculares", exortava algumas vezes a abandonar o seminário para evitar escândalos piores. Imbuído da sabedoria da Cruz ele denunciava a ausência da vida interior, a busca de honras, de lucro, das comodidades; e se tornava acreditado pelos testemunhos de uma vida exemplar e dedicada ao serviço da Igreja.

"É preciso que nós sejamos separados do mundo, desapegados do mundo, crucificados para o mundo, mortos para o mundo" (N.D.V.).

A Igreja não é como uma indústria que deva continuamente adequar com uma certa ansiedade a sua publicidade ao gosto e aos desejos do público para impor uma mercadoria. A fé cristã é muito mais um remédio divino que não se dá segundo os desejos do paciente e conforme seu gosto.

Em todo tempo, e também hoje, acontece que esta Igreja santa é abandonada por aqueles que tanto receberam dela, não querendo ver seus dons; ela é esbofetada por aquele que

ela ainda continua a alimentar. Uma rajada de críticas amargas, universal, e muitas vezes privadas de inteligência, chega até mesmo a virar as cabeças e a desconcertar os corações.

Mas justamente então, contemplando o rosto humilhado da mãe (reduzida a "forma de escrava"), Pe. Gaspar a amava duplamente. E justamente enquanto ficavam hipnotizados pelos traços que lhe tornavam a aparência envelhecida, o amor o fazia descobrir nela, com muito mais verdade, as forças escondidas, as atividades silenciosas que a tornam eternamente jovem.

Pe. Gaspar escolheu e experimentou a sabedoria da Cruz vivida na Igreja. Provou-lhe a fadiga; não lhe impôs muitos confrontos e indagações. Ao invés de instaurar discussões e de procurar ou arriscar novas pistas de diálogo, respirou a plenos pulmões na Igreja o clima da autêntica lareira. Mais que a barca pela qual o navegador sabe adaptar-se ao vento e às ondas, mais que a tenda móvel do deserto, sempre aberta para acolher o viandante em busca de abrigo, mas também sempre fustigada pelos ventos e exposta às rapinas. Pe. Gaspar devia pensar justamente na lareira doméstica à qual se sentia ligado por um forte vínculo afetivo. Ser-lhe-ia agradável repetir: "A Igreja é a Maria na história do mundo" (H. Rahner).

Teria aprovado as palavras de Yves Congar: "Esta foi e é a lareira da minha alma, a mãe da minha vida espiritual; oferece-me a possibilidade de viver com os santos: e quando me impediu de viver uma vida evangélica?... Na dúvida e nas borrascas oferece-me a certeza que tem em si, graças à multidão de testemunhas de que fala a carta aos Hebreus”...

Não se pense que Pe. Gaspar fosse um abdicador dos valores autênticos; era aberto às várias ciências, erudito, em contato com pessoas da Igreja, da política, da alta sociedade; ouvido e consultado. O fato é que possuía profundamente o dom do discernimento e por "instinto evangélico" (que é o dom da Sabedoria) soube aproveitar as mil ambigüidades do coração humano.

Soube deter a face da mentira em todas as formas que ela pode assumir no seu tempo, de disfarçada insinceridade, inautenticidade, de compromisso. Vivendo intensamente no tempo e no espírito, soube combater a fundo as mesquinhas fraquezas que se aninham no espírito do tempo.

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).



ANO VOCACIONAL ESTIGMATINO

ALÉM DAS FALÊNCIAS

Pe. Gaspar, em uma visita ao altar de S. Inácio na igreja de S. Sebastião, ouve o convite: "Coragem, soldados de Cristo, armai-vos de fortaleza... Fazei reviver em vós o meu espírito e também nos outros, por vosso intermédio".

O olhar, o exemplo de Cristo o conduz às profundezas e o impele às escolhas cada vez mais claras. Sabe muito bem que também o seu Senhor experimentou o declínio do prestígio e a "crise da Galiléia", qual conclusão da sua atividade falimentar às margens do lago de Tiberíades; para não dizer da falência total da Cruz.

O "Suscipe" (recebe) de S. Inácio torna-se o seu programa; "Toma ó Senhor, toda minha liberdade. Recebe minha memória, o intelecto e toda a vontade. Tudo o que possuo, me foi dado, restituo tudo a ti e abandono à disposição da tua vontade. Dá-me só teu amor e tua graça, e serei rico bastante, nem peço outra coisa. Amém".

Está pronto para a luta, mas o plano desta luta só o seu Capitão e Senhor o conhece: então Pe. Gaspar se entrega completamente a Ele. Pe. Luiz Bragato era sincero quando para o ano novo de 1840 enviava a Pe. Gaspar "mil bênçãos, não excluídas as cruces (reprodução fiel de Mc 10,30: "Não há quem tenha deixado casa, ... sem que receba cem vezes mais, .. juntamente com perseguições"); e aí nada mais sincera a resposta de Pe. Gaspar: "Com efeito que melhor bem você poderia desejar a seus amigos, senão as cruces?" (EP).

Justamente quando se viu confinado em seu quarto, entre cadeira e leito, ele via literalmente desintegrar-se a sua pequena comunidade.

Pe. Giuseppe Stofella, com estilo de Tácito, mostra a situação assim: "Dos dois estudantes um morreu. Dos onze sacerdotes três morreram; dois, os mais laureados, voltaram para sua casa. Já de algum tempo, nenhum padre ou seminarista entra nos Estigmas. Várias saídas de irmãos coadjutores; até os dois gêmeos saem depois de haver servido ao Senhor respectivamente por 13 e 8 anos; outros entram e saem.

Só um novo irmão entra e persevera. Doenças, tribulações, tormentos. São os dias para os quais Pe. M. Gramego exclama quase com um soluço: "Os Estigmas crescem bem! Crescem seguro!"

Pe. Gaspar é o testemunho da esperança, porque justamente naquele tempo estava preparando "gota a gota" as Regras da sua, parecia, fantasmagórica Família religiosa, "como se o seu Instituto estivesse mais viçoso do que nunca", segundo as palavras do Pe. C. Zara. Era o homem que olhava para a frente, contra toda esperança.

"Pe. Gaspar é um raio de esperança para aqueles que sofrem pela perda de entes queridos. A sua vida pode servir de estímulo para todos que suportam a longa agonia, das humilhações e dos problemas familiares e são tentados a desistir".

Como não pensar no profeta Jeremias que, por ordem de Deus compra um terreno em Anatot, a sua cidade perto de Jerusalém, com toda documentação legal, justamente quando

Nabucodonosor sitia Jerusalém e vai se preparando para o exílio? (Jer 32,1-15). É um gesto humanamente estúpido, mas de extrema confiança no futuro que está previsto só na mente de Deus.

Lemos na história do Instituto dos Canossianos, Filhos da caridade, que todo o Instituto em 1925 estava reduzido a um irmão idoso. Ir. João; e ele pensava em ir até o Card. Patriarca, La Fontaine e entregar-lhe as chaves da casa: teria sido o ultimo gesto que encerrava a caminhada de um carisma. Subiu a ampla escadaria do palácio patriarcal para confiar ao cardeal que ele estava desanimado. O Patriarca o exortou a ter confiança. Que teria sido do Instituto Canossiano se ainda que por uma só hora tivesse faltado a fé ao Ir. João? São reflexões de. M. Giacòn, ex- Sup. Geral dos Canossianos.

A Missão da Igreja é bem outra coisa que atividade de propaganda ou de expansão. A lei das empresas humanas é a. eficiência. Mas na obra de Cristo, e, portanto da Igreja, é muito diferente. Um C. de Foucauld instalou um tabernáculo no deserto, onde não conseguiu um só neófito; os Oblatos de M. I. viveram no gelo do Alasca, percorrendo milhares de quilômetros em trenós, antes da difusão da aviação, para catequizar algumas pobres famílias de Esquimós. Há um valor absoluto na missão, independente dos resultados que nós podemos constatar. A falência não é de nenhum modo um ideal, mas "em Cristo" não há também um buraco negro onde desaparecem as nossas ilusões.

(continua).

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).



ALÉM DAS FALÊNCIAS - cont.

A Igreja queria espalhar-se pelo mundo inteiro, e ao invés deve constatar os muitos limites impostos à sua expansão. Se o sucesso fosse um critério válido, deveríamos ficar desconsertados. Mas, na prova que a marca dolorosamente, a Paixão de Cristo lhe dá os sinais para evocar-lhe a humildade com que deve seguir sua obrigação, quaisquer que sejam os resultados.

É de C. de Foucauld esta reflexão: "Na tarde daquele dia triste em que foram mortos Pedro e Paulo, a primeira comunidade cristã encontrava-se sem guia. Teria todos os motivos para se desencorajar e desaparecer.

É a eterna vicissitude dos verdadeiros cristãos que na Igreja devem estar sempre "prontos a responder a todo aquele que vos pedir razão de vossas esperanças" (1Pd 3,15).

O paradoxo evangélico está aqui: nesta situação de extrema pobreza espiritual e de falência humana, de absoluto despojamento de si Pe. Gaspar se doava "àquelas almas que nas aflições e desolações recorriam a ele em busca de conforto".

A quantas pessoas confortou este homem "tributado, mas não esmagado; perturbado, mas não desesperado; golpeado, mas não morto...." (cf. 2Cor 4,8-9).

Em 1842 ele fazia a "via-sacra" entre um quarto e outro para consolar os moribundos: L. Biadego e L. Ferrari, sussurrando: "coragem Pe. Luizinho!".

"Coragem, sacerdotes do Senhor. Não tenhamos nós menor coragem de seguir a Cristo, do que têm de audácia os inimigos da Igreja em seguir o demônio".

Enquanto afirmava: "não ser ele figura de fundador de religião", Pe. Antônio Bresciani, S.J. afirmava: "Eu sempre entendi não haver nenhum empreendimento de trabalho para Deus em Verona, que Pe. Gaspar não fosse consultado". E note-se que, segundo D. Gallio, no século passado surgiram em Verona bem uns 16 Institutos religiosos.

O consolar, o exortar, o orientar faz, parte essencial da vida cristã, animada pelo Paráclito, o Exortador e o Consolador por excelência. Todos os cristãos deveriam ser outros "paráclitos". "Velemos uns pelos outros para nos estimular à caridade e às boas obras.... animemo-nos mutuamente."

Pe. Gaspar o soube fazer em grau eminente. Assim, enquanto num evidente radicalismo evangélico a sua existência ia se purificando, Pe. Gaspar se tomava dom, vivia a pobreza, amava a gratuidade. Poderia ter sentido a tentação de protagonismo, mas impôs-se sempre a norma de "conduzir a obra com seu trabalho até quase chegar o fim, e depois retirar-se para deixar aos outros a honra e a glória da fundação".

Havia-se empenhado, no devido tempo, ao apostolado com jovens e na orientação do Clero no seminário, enquanto as forças lhe permitiram. Mas levava, sempre uma vida de testemunho, que não se inseria em nenhuma lógica do operar humano, enquanto regulado pelos critérios de eficiência. Em uma sociedade tão competitiva, como é a nossa sociedade industrial avançada, o comportamento de Pe. Gaspar deveria ser o da Igreja com respeito ao mundo.

Deste despojamento nutria-se o seu abandono, chegando viver como uma criança no colo da Mãe. A posse e o poder com muita facilidade escravizam o homem; por causa deles o

homem perdeu sua infância, sem a qual não tem acesso ao Reino. Pe. Gaspar, nos seus estudos profundos sobre a antiga civilização, certamente deve ter conhecido a página do Timeu de Platão, onde um estrangeiro por ironia afirma que os gregos são eternas crianças: "ó Sólon, Sólon, vocês gregos são todos crianças. Nenhum grego é velho: na alma são todos jovens". Platão não vê aí nenhuma censura, mas uma exaltação àquele povo; vê no assombro a condição mais alta da existência humana. Não a tecnologia, não a eficiência, mas os valores da gratuidade, do dom.

Acima de toda reflexão, fica-se impressionado com as atitudes que mostravam nos Estigmas os primeiros seguidores de Pe. Gaspar. Na sua escola cultivavam a humildade, o desinteresse, a indiferença pelas comodidades e dignidades. Sobre idéias sempre se pode discutir, mas diante dos testemunhos vivos dos Padres M. Gramego, (do conde) F. Cartolari, M. Cainer, L. Biadego, F. Benciolini e L. Bragato, não nos resta senão ficar profundamente impressionados.

"Olhai a rocha de que fostes talhados, a pedreira de onde vos tiraram!" (Is 51,1).

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).



CONTINUA RE-CENTRALIZAÇÃO EM CRISTO

Pe. Gaspar não se sentia de modo nenhum um fundador, mas somente servo do Evangelho. "(A Missão de São Firmo) foi, porém para ele o acontecimento decisivo para colocar em evidência a finalidade do seu futuro Instituto; e foi a feliz ocasião de viver o apostolado ideal antecipadamente".

Fiel seguidor da espiritualidade inaciana, Pe. Gaspar não procurará nem dará muitas indicações sobre os métodos de apostolado, talvez nenhuma; ainda que no seu tempo de jovem tenha sido um genial mestre na organização dos seus Oratórios. Sua ambição era somente a de tornar-se instrumento totalmente dócil à ação do Espírito que vive e opera na Igreja. Aqui está todo o segredo. "25 de dezembro de 1808. Nas três Missas: recolhimento e sentimento do grande benefício da vocação. Grande vantagem esquecermo-nos e despojarmo-nos de tudo para procurar a Deus só! Como Deus glorifica e ama a seu Filho humilhado! Que obrigação a nossa de realizar por amor dele algo daquilo que antes fez por nós".

Fecha-se com estas palavras o primeiro meio ano do Memorial Privado, mas aí já se adivinha toda a riqueza. O MEMORIAL: um conjunto de três fascículos que podia servir muito bem como registro de sacristia ou também para as despesas da casa. Ele contém um breve período da vida de Pe. Gaspar: de 1º de junho de 1808 a 25 de junho de 1813. Ele o vai compondo por si, sozinho, sob o olhar de Deus, no espaço dos 31 aos 36 anos de idade. Muitos naquela idade acomodam-se; em contato com a vida dura, para muitos os ideais se quebram e se cobrem de areia.

"O Memorial Privado de Pe. Gaspar se fosse publicado sem nenhum comentário poderia dar um livrinho de 25 páginas... Todavia um livrinho desta dimensão torna-se um dos grandes documentos da espiritualidade italiana de mil e oitocentos" (Divo Barsotti).

"Não podemos pensar o que Deus faria de nós, quanto agiria em nós e por nós, que somos as pupilas dos seus olhos, se não puséssemos obstáculos à sua graça, mas nos colocássemos livre e totalmente em suas mãos". E Pe. G. Stofella comenta: "É o grande princípio inaciano tornado o lema da espiritualidade de Pe. Gaspar".

"Quando não se reza bem, não se pode falar bem de Deus". Por isso: "perdemos a arte de falar bem, porque perdemos o espírito de oração".

É um pensamento constante nos escritos de Pe. Gaspar.

"Qual é a lição que este 'Memorial Privado' deixa finalmente e inculca aos filhos do Venerável Gaspar?" perguntava-se Pe. G. Stofella.

E dá a fácil resposta: "Não outra - cremos - que esta: o culto da 'Vida interior'; e, com ela, o estudo amoroso e o exercício das virtudes: também como razão ou condição essencial de todo fruto verdadeiro da atividade ou do apostolado exterior".

Culto da vida interior vivido como espírito de Abandono.

O espírito filial de Pe. Gaspar! Aqui ele viveu a intimidade com Cristo, o "Filho" por excelência, que foi todo voltado para seu Pai.

"Assim como o efeito da missão do Filho foi levar ao Pai, assim o efeito da missão do Espírito é levar ao Filho".

“O Filho por si mesmo, nada pode fazer mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que Este fez, o Filho o faz igualmente”. Preparadas pela obediência do menino Jesus ao seu pai terreno, estas palavras exprimem relação de Jesus com seu Pai celeste.

Esta vida filial significa procura de conformidade amante e fiel à vontade de Deus, animada por uma oração filial.

O espírito de abandono filial de Pe. Gaspar é expresso eficazmente nas três palavras que ressoam como três faróis luminosos de fidelidade:

QUICUMQUE = para cada membro da Família de Pe. Gaspar

QUOCUMQUE = é o abandono geográfico

QUODCUMQUE = trata-se do abandono apostólico.

Não nos fuja a primeira anotação da Pequena, Crônica de Pe. Miguel Gramego: encontraremos aí um outro farol luminoso: o "QUOMODOCUMQUE" (seguem os nomes: Bertoni, Marani, Zanolli, Gramego).

Aquele advérbio quer dizer: arrumados como podiam, em pobreza e simplicidade.

Esta é a lógica evangélica do "Missionário Apostólico".

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).

CURIOSIDADE:

"No dia 05 de outubro o Papa canonizará o Apóstolo da África Central, Dom Miguel Comboni".

"Também nos Estigmas os nossos pregavam de tempos em tempos os Exercícios espirituais, para comodidade de padres que se recolhiam uma semana, para reconfortar-se no espírito. Neste ano (1857), precisamente no mês de agosto, encontramos nos Estigmas para um curso de Exercícios espirituais os Pes. Daniel Comboni e João Beltrame, com seus companheiros Dal Bosco, Melotto e Oliboni, enviados pelo Pe. Mazza, a fim de preparar-se para a grande Missão da África Central. 'Fizeram-no com grande empenho e edificação (escreve Pe. Lenotti) e partiram muito contentes' e acrescenta : 'É muito bom os Missionários se ajudarem'".

(Breve Crônica – 2º período – nº. 100).

"Em outubro de 1881 morreu Mons. Daniel Comboni, Vigário Apostólico da África Central, e como seu sucessor foi preconizado Pe. Francisco Sogaro (ex-estigmatino que deixou a Congregação para ser Missionário)".

(Breve Crônica - 28 período – nº. 162).



ESPIRITUALIDADE DIOCESANA DE PE. GASPAR

É fácil ver como Pe. Gaspar, imerso nas várias experiências da Igreja veronesa, viveu uma autêntica espiritualidade de padre diocesano, E atenção ao fato de que o próprio horizonte dentro do qual o presbítero 'diocesano' se entendia era o de relação com o próprio bispo, mais do que com o da diocese como Igreja particular.

No Concílio Vaticano II operou-se uma deslocação do visual do Bispo à Igreja particular. Trata-se de ser nesta Igreja e não dela – ou para o Bispo. Além disso a 'diocesanidade' presbiteral não é um fato de cada um dos presbíteros, mas é um fato de todo o presbitério diocesano, que tem no centro o Bispo.

A 'diocesanidade' é 'analógica': realiza-se diferentemente por todos os presbíteros de uma dada Igreja particular. Os presbíteros 'diocesanos' com respeito aos presbíteros religiosos têm uma diferente 'estabilidade' no serviço. A 'estabilidade na diocese' não é tanto forma de ascese (como a 'estabilidade no mosteiro'), mas exercício de caridade para edificar a Igreja aqui e agora.

Dentro desta realidade da Igreja e na sua 'vivência', deveria ser o próprio presbitério o 'lugar' natural em que se vive a espiritualidade presbiteral diocesana; é neste presbitério que se toma a peito a configuração cristã da 'Igreja particular'.

Pe. Gaspar estava em profunda e talvez sofrida comunhão com os padres da sua diocese; por muito tempo os havia servido do melhor modo, sustentando-os, orientando-os para um seguimento sempre mais empenhado do Bom Pastor. Ele intuía o que depois o Vaticano II codificaria: na alternativa entre uma espiritualidade de separação e uma de imersão, indica a solução da 'caridade pastoral'. Segue-se, pois, que não será o amor à contemplação que dirigirá o presbítero diocesano na impostação de sua vida; não a disciplina ascética, não o empenho social e político, nem a indagação teológica, porém o serviço à comunidade. Trata-se de amar uma Igreja de imagem concreta, feita de homens de carne e osso.

Nesta linha encontra também o seu sentido o celibato. Este, para o padre diocesano não tem tanto o sentido escatológico, como para a vida monástica de separação do mundo, mas leva a totalizar toda a capacidade de amar esta comunidade.

Impõe-se igualmente a conquista de um grande espírito de liberdade 'religiosa' para tornar autêntica a palavra que anuncia; liberdade 'familiar', isto é das exigências e convenções sociais do tipo "burguês, liberdade dos parentes, de lucros; e isto implica a pobreza.

A diocese e, na diocese, o presbitério deveria constituir-se como o lugar de iniciação permanente e de realização da espiritualidade do presbítero diocesano; onde a figura espiritual do presbítero se constitui em simbiose com tomar a peito, no modo que lhe compete, a edificação da figura concreta daquela Igreja à qual, com o Bispo e no presbitério, estavelmente se dedicou.

Neste modo concreto e histórico a caridade pastoral pode tornar-se efetivamente a estrela-guia de uma existência presbiteral diocesana. A síntese de sua 'espiritualidade'.

Pe. Gaspar viveu tudo isto por muitos anos; porém mantinha-se aberto aos sempre novos impulsos do Espírito. E quando começou a pensar em uma nova família religiosa, quando ‘gota a gota’ preparava as Constituições, para um novo tipo de vida, percebeu que os horizontes devagarzinho iam-se elevando e estendendo.

Sem suprimir nenhum dos valores precedentes, ele se concentrou ainda mais intensamente em Deus, acolheu, depois de uma longa preparação feita de experiência e de abertura ao Espírito, como um amadurecimento 'natural', o novo carisma que o Espírito lhe infundia: formar **Missionários apostólicos em auxílio aos Bispos**. Não podia ser senão assim.

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial),
(Pe. Fausto Longo).



CORAÇÃO DO CARISMA BERTONIANO

Aventuramo-nos a entrar - como anota Pe. Nello Dalle Vedove – “no coração do carisma bertoniano, antes ainda que este se transforme em um definido programa operativo, em uma missão específica”.

Pe. Gaspar faz seus e desenvolve os textos bíblicos nos quais a aliança entre Deus e seu povo se abre à mística esposal e toma comunhão e disponibilidade total, própria da esposa ao esposo.

Codificará tudo nas Constituições por ele escritas; seus filhos, enquanto pregadores apostólicos "são os paraninfos de Cristo Nosso Senhor; sua alma a Ele unicamente desposada, como diz o Apóstolo, deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, isto é, santa de mente e de corpo”.

Este ponto de perspectiva é talvez o melhor observatório para colher e captar todo o itinerário espiritual de Pe. Gaspar. Compreendemos até que ponto ele viveu a pobreza "bíblica" no sentido amplo que ela implica; ele assim desconfiado de si, assim abandonado a Deus, pertencia a este Israel que vivia de oração e de esperar atento ao encontro com Deus. "Existem soleiras que o pensamento humano não pode transpor somente com seus recursos; é preciso uma experiência: pobreza, doença... Então as coisas nos apresentam uma nova face, antes nem mesmo suposta; uma outra dimensão do mundo, talvez”. (A. Gelin).

Esta experiência de múltipla pobreza Pe. Gaspar a teve: longa e profunda, se falamos da pobreza e queremos evitar o romantismo ou a hipocrisia, é preciso que o façamos com realismo.

"Estar perdidos ao mundo do mundo e renascer ao mundo de Deus, quer dizer empenhar-se em uma vida de liberdade espiritual e de serviço; da qual é condição uma certa pobreza; quer dizer viver na Igreja como ela nasceu da Páscoa e do Pentecostes, como a descrevem os Atos e os escritos dos Apóstolos; quer dizer encontrar e realizar a plena verdade do relacionamento religioso que nos une a Deus e, com o mesmo movimento, aos homens nossos irmãos". (Y. Congar).

Dois episódios concretos são eloquentes além de qualquer comentário: Pe. Gaspar com perfeito desprendimento depôs aos pés do Papa Gregório XVI os ferremos de Sezano e Stallavena, recém-adquiridos para ele por outros. Foi aquela uma carta que "provocou lágrimas de ternura" nos olhos do S. Padre; nela Pe. Gaspar declarava: "Esta é a vontade minha e de meus companheiros: de dedicarmo-nos todos ao serviço de Nosso Senhor e sua Igreja, se nos fizer dignos disto”.

Ainda: aos 05 de julho de 1846 todos de comum acordo; Pes. Gaspar Bertoni, Miguel Gramego, Caetano Brugnoli, Francisco Benciolini, assinam oficialmente a renúncia à polpuda herança que lhes deixava em testamento o sacerdote, nobre, Pe. Francisco Cartolari, membro da comunidade.

Depois foram à igreja cantar o "Te Deum" em ação de graças. Entendiam “jogar fora o lixo do Pe. Cartolari” e ao invés conservar “a herança das suas virtudes”.

São pontas do iceberg que deixam entrever todo o fervor que animava aquela pequenina comunidade dirigida por Pe. Gaspar. Uma pobreza que ele pretendia apresentar, depois de Cristo, também como ideal apostólico; pobreza alegre e livre. Uma pobreza vivida com uma fidelidade dinâmica; que saberá tornar-se criadora quando se aproximar de formas de desenvolvimento e de cultura mais complexas. A imitação de Cristo não é de natureza literal, mas inventiva.

Mas quando se medita na Cruz, compreende-se que a pobreza é uma exigência essencial do apostolado.

(continua)



(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).

"Uma coisa é primordial: a pobreza; depois, todas as outras virtudes".

(M.P, 23.07.1809).

"Importa escolher um caminho espiritual mais estreito e de penitência"

(M.P. 18.05.1811).

“Tudo se resume em servir a Deus, custe o que custar. É necessário pois, precaver-se das veleidades. A veleidade diferencia-se na vontade no seu efeito: a primeira começa a ceder diante das dificuldades e faz a gente se desencorajar; a segunda insiste, firma-se e fortalece”.

(M.P. 30.07.1808).

“É preciso perceber o grande laço que o demônio arma aos eclesiásticos: o apego aos bens da terra. Feliz quem pode fugir desta armadilha”.

(Exercício ao clero).



MISSIONARIEDADE E ECUMENISMO DE PE. GASPAR

Desta liberdade interior tudo segue com rigorosa lógica evangélica. O "Missionário apostólico", como foi Pe. Gaspar, é um homem livre para seu Senhor.

Missionariedade, Ecumenismo? São realidades eclesiais emersas na consciência conciliar. A aquisição do sentido histórico permitiu em todos os setores da teologia vistosas renovações; mas para a eclesiologia se poderia deveras falar de inícios.

No tempo de Pe. Gaspar, um outro pensador amadurecia a própria espiritualidade eclesial, talvez foi até o primeiro a fazer da Igreja o tema explícito de espiritualidade. Trata-se de A. Rosmini (1797-1855). Observando a história e refletindo sobre suas próprias vicissitudes pessoais, ele compreende que: trabalhar pela Igreja, ser Igreja, mantendo a tranqüilidade espiritual nos sofrimentos próprios e da Igreja, por causa da Igreja e por parte da Igreja, torna finalidade explícita espiritual, lugar onde se arrisca a própria perfeição crista. Rosmini chega a romper com muitos lugares comuns do pensamento católico de então. Animado, como o grande Gregório VII, com a preocupação pela liberdade da Igreja, compreende que esta não é garantida senão no interno de uma liberdade para todos. Enumera entre as chagas da Igreja a separação do clero do povo, acontecida na Idade média.

Longe de Verona terminara seu caminho de conversão do Anglicanismo ao Catolicismo, J. H. Newman (1801-1900), Ele foi levado somente pela preocupação de procurar a plenitude da verdade cristã e a sua realização temporal e histórica na verdadeira Igreja, Encontra-a na Igreja católica que devagarinho, ao longo do assíduo estudo dos Padres e da história, revela-se a ele como o estado adulto do Cristianismo, o ponto mais alto e completo do crescimento e do desenvolvimento da realidade cristã.

A chegada à Igreja católica não coincide em Newman, como muitas vezes acontece, com um enrijecimento conservador. Antes, ele trás ao catolicismo o estímulo de instâncias renovadoras, da concepção dinâmica do desenvolvimento dos dogmas, à solicitação de fazer os fiéis participarem ao apostolado dos leigos.

O seu exemplo, porém não pegou muito na Igreja, preocupada com a reforma pastoral, com a refutação dos erros filosóficos e políticos do tempo, isto é, com os problemas da "cristandade".

Ainda um exemplo, perto de nós: R. Guardini (1885-1968) sacerdote alemão, nascido em Verona, pretende apresentar a Igreja como resposta global à crise individualística da sociedade burguesa. Mais tarde (1933) Guardini mesmo perceberá os limites do seu trabalho e os mostrará carentes de historicidade.

Pe. Gaspar não desenvolveu uma reflexão sobre Igreja; viveu somente em profundidade e simplicidade a vida da Igreja do seu tempo. Viu e sofreu suas profundas feridas; soube lançar-se até o humano e histórico da vida da Igreja, e compartilhou com ela as alegrias.

Se vivesse junto de nós, neste vintênio que segue o Vaticano II, teria também Pe. Gaspar as suas dificuldades.

Como poderia ele prever as maravilhosas aberturas do Concílio Vaticano II sobre: a missionariedade, o ecumenismo, o diálogo com as culturas, a purificação da fé através da secularização, a "hierarquia das verdades" cristãs, a descoberta do terceiro mundo que se irrompe entre nós, a descoberta da Igreja em minoria...? Já para nós que vivemos dentro desta "aceleração da história" o fôlego se toma curto; é muito difícil ser profeta "especialmente quando se trata do futuro, mesmo próximo!"

Queremos pensar que Pe. Gaspar viveria em grande sintonia de ânimo as duas grandes dimensões eclesiais do Vaticano II: a missionariedade e o ecumenismo.

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).

PE. GASPARE PE. ROSMINI NA "BREVE CRÔNICA"

40. - "Nesses anos Pe. Gaspar foi muitas vezes visitado por toda classe de pessoas que vinham consultá-lo em negócios de grande importância.

Em 1826, passando por Verona o Pe. António Rosmini foi visitá-lo e expôs-lhe a idéia fundamental da sua Congregação, e recebeu dele "eficazes estímulos para iniciá-la, resolvendo todas as dúvidas" (Epistolário do Rosmini). No mesmo ano ele mandou para o Pe. Gaspar examinar o Plano dos Sacerdotes da Caridade, primeiro esboço do Instituto e em 1832 as Constituições do mesmo Instituto, antes de mandá-la para Roma para a aprovação.

O Rosmini veio muitas outras vezes aos Estigmas, até mesmo em 1833 escreveu uma pequena opereta "no quarto do ar. Pe. Gramago" (Memórias do Pe. Cainer)."

43. - "Sobretudo Pe. Gaspar procurava incutir em seus filhos os sentimentos mais sinceros de união com a Igreja e com o seu Chefe o Romano Pontífice, e de mantê-los bem longe de qualquer doutrina que cheirasse novidade. Esta foi a razão que o levou, a cortar a amizade íntima que tinha, desde há muitos anos com o célebre filósofo Pe. Antônio Rosmini. Como este um dia lhe manifestou "certas idéias novas sobre a Igreja e a eleição dos Pastores por sufrágio popular", e mostrando-se disposto a mandar imprimi-las, Pe. Gaspar lhe disse que gostaria de não vê-lo mais no meio dos seus filhos. E depois que ele saiu "recolheu seus companheiros na sala e fez-lhes uma viva exortação sobre o respeito e submissão perfeitos à Igreja, repetindo com acento mais profundo que nunca, o seu ditado preferido: 'Bassi, basssi, busetta e tanetta!'"

Nota do no. 43: "Pela tradição da Congregação sabe-se que o Ven. quebrou a amizade com o Rosmini porque ele queria imprimir as "Cinco Chagas", que escrevera em uma aldeia de Pádua. A atitude do Bertoni o impressionou muito, tanto que demorou para publicar o livro que depois foi condenado pela Igreja."

(Breve Crônica - I período - ns. 40 e 43).



“NA DIOCESE E NO MUNDO”

Tomemos da Exortação e Instrução doméstica feita pelo Pe. G. B. Lenotti, como nos apresenta Pe. G. Stofella.

"A fórmula com que o Fundador apresenta os companheiros Missionários Apostólicos 'indo a qualquer lugar na Diocese e no mundo', pelo Pe. Lenotti foi sempre entendida e apresentada francamente aos outros no seu mais amplo significado".

"Não em uma diocese só, mas também por todo o mundo!" - "Portanto coração grande como o mundo!"... "É verdade: agrada agora ao Senhor nos manter fechados e humilhados; mas... esperamos que quando for o tempo oportuno estabelecido pela sua Providência, nos dará esta graça. Não conhecemos seus desígnios sobre esta Congregação. Devemos no entanto ter no peito um coração assaz grande e generoso, e confiarmos em Deus; se nós não falharmos, Deus certamente não faltará".

"Pe. Lenotti havia absorvido bem o espírito do Fundador; estava junto dele desde 1827 para o primeiro curso de gramática. O ideal missionário era bem vivo no coração e na mente de Pe. Gaspar já que Pe. Lenotti pôde afirmar: 'quantos não enviou ele a quase todas as Ordens religiosas e às missões estrangeiras!'"

Não podia não ser assim. Com linguajar de cozinha se diria: confeccionados juntamente o dinamismo expansivo do amor por Cristo que animava Pe. Gaspar, o seu despojamento e liberdade interior, a prontidão em oferecer-se para todo serviço da Igreja local, o sofrimento ao ver o seu Senhor não suficientemente conhecido e amado, o que resulta daí? Um autêntico espírito missionário.

O Concílio Vaticano II inaugurou a nova fase de missionariedade e de ecumenismo que pede à Igreja para evidenciar ainda mais a sua capacidade de encarnar-se e de valorizar "isto que a une" a todo restante da humanidade. Hoje estamos na fase da "Igreja no mundo", ainda de novo com o risco da contaminação. De outro lado "não é possível ter uma, pátria se não se está disposto também a conviver com os filisteus".

Pe. Gaspar foi o homem do diálogo em nível mais pastoral e imediato que cultural, soube viver com todos; e bem se pode dizer que quem passava perto dele, levava sempre um pouco de luz e de impulso para o bem. E o fez na sua Verona, antecipando o que depois o Concílio Vaticano II codificaria: o Concílio operou um interessante desvio de acento em favor da Igreja local, dando início a um processo de reapropriação da iniciativa missionária por parte da Igreja local.

Pe. Gaspar carregou o peso do mundo, da história na qual viveu. Não se limitou certamente a uma ação tipo arquivístico, pela custódia da Palavra em uma comunidade sem futuro. A inventiva, e o dom da fantasia no meio dos seus jovens e clérigos no Seminário, a perene procura de perceber sempre a novidade, a exigência de antecipar os valores do Reino, como autêntico futuro do mundo; isto faz parte do espírito missionário de Pe. Gaspar.

Mas não lhe concedamos tudo: os limites das formas e concepções históricas pesaram de modo relevante no seu caminho. Pense-se que ainda em 1949, portanto um século depois de Pe. Gaspar, uma Instrução do S. Ofício punha os fiéis em guarda contra a participação em conferências e reuniões de confissões mistas.

Dominava a idéia do "retomo à casa paterna"; a própria Igreja católica não devia colocar-se a caminho para Cristo.

A eclesiologia dominante, sem confiança em todo dinamismo, impelia a intervenções de defesa desde o primeiro momento carregadas do temor que as gerava. Repelir a participação ao movimento ecumênico era uma atitude voltada mais ao passado que ao futuro, destinado a uma rápida insignificância.

Também A. Rosmini, em uma carta de 18 de março de 1816 dirigida ao Pe. L. Bragato, afirma que "de qualquer modo (o Instituto da Caridade) nasceu também na casa deles", isto é dos Estigmatinos.

Pe. Gaspar havia-lhe aprovado o "Plano" e também as Constituições enviadas por Rosmini. A divergência se manifestará pouco após depois, mas simplesmente por um modo diferente de conceber a obediência de cada um para com a Igreja.

Mas: quem de nós teria ousado esperar, há uns 30-35 anos passados, que toda a Igreja católica fosse colhida por um sentimento tão profundo de sua insuficiência, do seu não responder adequadamente ao mandato do Senhor, sentimentos necessários para um desprender-se do impulso ecumênico?

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto Longo).



SÃO GASPAR O HOMEM DO CONSELHO (O orientador)

Pe. Gaspar "o orientador" manifestou-se sobretudo no dom do Conselho e na direção espiritual. Foi conselheiro espiritual de bispos, de sacerdotes, de clérigos, de religiosos, de animadores de instituições, de homens públicos.

Foi confessor assíduo e prudente; iluminado e paciente na paróquia de São Paulo, nos Oratórios Marianos, entre os encarcerados, na assistência aos enfermos, na irmandade dos padres Hospitaleiros com Steeb, Leonardi e outros.

E foi inigualável diretor de almas. A "direção espiritual", eis o momento privilegiado para o "orientador". "Escrever-se-á um livro sobre Pe. Gaspar e a direção espiritual?" São palavras da homilia que D. G. Carraro, bispo de Verona, pronunciou aos 16 de maio de 1976.

Os contemporâneos de Pe. Gaspar, em coro unânime, reconhecem nele este difícil dom. E havia então extrema necessidade, quando – através das revoluções sociais e políticas - apareciam as novidades que encontravam muita gente despreparada, e há necessidade ainda mais hoje, quando tudo parece colocado em discussão, se multiplicam os charlatães e os orientadores jornalísticos, através dos meios de comunicação.

Somos bombardeados e perturbados por mensagens de caráter político, social e religioso. Analfabeto hoje e ainda mais amanhã não será aquele que não sabe ler e escrever, mas sim aquele que não sabe dar significado, como ler e entender e orientar-se em cada um dos fatos, para discerni-los.

Pe. Gaspar havia acumulado múltiplas experiências, uma séria aplicação aos estudos lhe havia fornecido vastas aberturas e flexibilidade de avaliação.

Um hábito à reflexão, um ânimo inferiormente livre, um constante treinamento para dominar as próprias emoções e uma lucidez, de juízo, faziam-lhe um ótimo serviço. Mas Pe. Gaspar não era um Sêneca, nem pretendia fazer-se de psicólogo. Queria ser sempre o homem de Deus.

Pe. Antônio Bresciani (1798-1862), jesuíta de vasta cultura e muito estimado na Companhia, enviou ao Pe. G.M. Marani, aos 17 de janeiro de 1855, um testemunho que se fundamenta em suas experiências pessoais que teve nos anos 1814-1824, quando superou por merecimento de Pe. Gaspar os obstáculos para sua escolha de vida. "Eu sempre entendi que em Verona jamais foi empreendida uma obra de Deus, sem que se consultasse Pe. Gaspar... Além do senso natural com que Deus o forneceu tão largamente, parece-me que casa uma de suas ações eram pesadas e dirigidas pela luz do Espírito Santo; e aquela sua doçura, sua modéstia e gravidade, gentileza e cortesia que acompanhavam cada gesto seu, cada palavra, cada ato de Pe. Gaspar era fruto da suavidade e da sabedoria nele infundida pelo divino Espírito, para torná-lo instrumento apto a dirigir as almas rumo à vida eterna...

... Os conselhos daquele homem guiaram-me no meio de tantas oposições, me animaram no meio de tantos abatimentos, me consolidaram no meio de tantas perplexidades... Cada ato seu, cada palavra sua, cada olhar seu, era um conforto; parece-me que humildade tão

simples assim e ao mesmo tempo cheia de dignidade dificilmente se encontram juntas de modo tão destacado como em Pe. Gaspar".

"Como homem de grande conselho e santidade - afirma um Filipino - eu venero aquele espelho da Igreja veronesa, Pe. Gaspar Bertoni, cujo juízo vale por todos".

Pe. Gaspar teve amplo campo para usar estes dons, seja quando no seminário devia dar seu parecer sobre a vocação dos jovens estudantes, seja quando foi eleito pelo bispo como examinador pró-sinodal, para a escolha dos párocos.

Esta foi uma das tarefas mais importantes para os bispos Liruti e Grasser. Pe. Giacobbe afirma que, quando se encontravam "em apuros" na eleição dos candidatos, remetiam todo julgamento a Pe. Gaspar, e se referiam à sua prudência, não como examinador ou conselheiro, mas quase como supremo juiz inapelável". Qualquer comentário é inútil.

Pe. G. M. Marani que foi seu companheiro para exame dos seminaristas menores confessará mais tarde ao Pe. Comboni: "Já desde 1820 que comecei a examinar as vocações e por muitos anos o fiz, e tinha por mestre nada menos que Pe. Gaspar". E será o próprio Pe. Marani que concluiu após ter examinado Pe. Comboni; "a sua vocação para a missão e para a África é uma das mais claras que já vi".

Seria difícil multiplicar os casos e os atestados dos que pela luz recebida lhe demonstraram reconhecimento. Pe. A. Bresciani escreve que quem se encontrava "perplexo em qualquer assunto de importância" de costume era aconselhado a "ouvir Pe. Gaspar".

(continua)

(Pe. Gaspar Bertoni homem eclesial).

(Pe. Fausto longo).



SÃO GASPAR O HOMEM DO CONSELHO (O orientador)
(continuação)

Por isso foi-lhe atribuído o título de "Anjo do Conselho". "Aqui se vem para aprender", murmurou um magistrado saindo do seu quarto. "Teólogo erudito eu sempre o considereei, mas jurista assim profundo?"

Pe. Gaspar se apresentou sempre bem informado, sabia ouvir, e colocava as pessoas à vontade. Mas sobretudo era movido por aquele "instinto" que é justamente o dom da Sabedoria e do Conselho. Não podemos senão repetir as palavras de A. Bresciani: "... parece-me que cada ação sua era pesada e dirigida à luz do Espírito Santo". No IV Evangelho (16, 13) o Espírito Santo é chamado "odegòs": "Ele vos conduzirá (= odeghèsetai) à verdade plena".

As avaliações e os conselhos de Pe. Gaspar eram justamente de um "domesticus fidei", profundamente incorporado ao Cristo que vive na Igreja; eram emitidos pala famosa "conaturalidade" de que fala S. Tomás. Porquanto a estatística pode servir, é fácil enumerar, nas próprias Constituições do Fundador, a ocorrência dos termos "conversar, conversação". Todos os Estigmatinos indistintamente, Padres e Irmãos, através da "conversa" devem ser de apoio às pessoas que encontram. Mas se se deve descobrir o rico sabor de conteúdo incluído na palavra "conversa": é o "costumeiro, a familiaridade"; o estar junto, o conviver.

Tal significado não é senão o eco do uso que já fez a Bíblia "Vulgata", cf. Baruc 3,38: "permanece com os homens"; cf, também 1Tim 3,15; 1 Pd 1,17; 2,12; Gal 1,13; Ef 4,22; etc. Com respeito ao tempo de Pe. Gaspar, nesse transpasse de cultura e civilização, parece que hoje tudo tornou-se mais complexo; devemos-nos confrontar com a pluralidade das situações, das culturas, das religiões.

Há uma quantidade de coisas que se deveriam e poderiam fazer; para não deixar-se enganar, arrisca-se correr atrás dos acontecimentos, pegando-os somente pelo rabo. Se no tempo de Pe. Gaspar as estruturas eram sacralizadas, hoje tudo parece aéreo e inseguro. No tempo do "homo faber", tentou-se pensar que basta dar uma quadratura científica. Não porque esta não seja boa; ao contrário: Pe. Gaspar a possuiu de modo invejável. "... Profundo nos estudos teológicos, também profundo conhecedor das letras gregas, latinas e italianas..., um dos mais belos talentos..." (A. Bresciani).

"Mas será só O HOMEM DA SABEDORIA que poderá ler os sinais dos tempos". No fundo, tal SABEDORIA é fechada, a não ser que se coloque lá dentro todo o comportamento evangélico de quem se pronunciava, na expressão de Pe. Benciolini: "para dar catecismo, para confessar bem, para pregar basta ter uma grande caridade".

Quem saberia dizer com certeza que fato constitui hoje um "acontecimento" de salvação? Deve-se intuir, farejar, explorar, arriscar, esperando; dar espaço às opiniões, ainda com um pouco de conflitualidade. Mas sobretudo à oração, à invocação da luz do Espírito.

Pe. Gaspar com seu comportamento nos recorda a paixão pela verdade; e isto significa a paixão pelos valores essenciais. Lembra-nos o "primado de Deus e da contemplação", em um

contexto sócio-cultural que perdeu o sentido do sagrado, em uma situação do mundo que exige um esforço apostólico sempre mais desgastante.

Deve-se ter a coragem de retomar a conversa sobre coisas essenciais. As casas religiosas devem se tornar OÁSIS DE ORIENTAÇÃO para tantos que procuram desesperadamente aquilo que daria um sentido a tudo. O barulho da máquina não chega a sufocar as questões fundamentais que aparecem e reaparecem continuamente: aonde nos dirigimos? A Igreja, para ser fiel ao Evangelho, cuida e deve fazer cuidar do homem que, enquanto conhece a ebbriedade do progresso, se encontra triste e sozinho. A Igreja não cessa de repetir: "Vem, Espírito Santo! ... Cura o que está ferido... Aquece o que está frio! Endireita o que está torto!"

Paradoxalmente, o homem das comunicações, da participação, do diálogo, o homem que vive em grupo, que trabalha em grupo, fica um solitário, que passa ao lado de outros, como ao lado de paredes. Quer ver diante de seus olhos outros homens cuja vida, decifrada por Cristo, tenha plenitude e transparência de sentido. O nosso mundo aguarda a passagem dos santos.

Pe. Gaspar foi: UM SANTO ORIENTADOR, porque nele tudo "era fruto da suavidade e da sabedoria nele infundida pelo Divino Espírito".

Fim.

(Pe. Gaspar homem eclesial).
(Pe. Fausto Longo),



RIO CLARO - 1915

A fundação de Limeira não deu certo e os padres resolveram deixar a cidade e procurar outro ambiente.

Pe. Alexandre Grigolli foi conversar com o pároco de Rio Claro, Cônego Francisco Botti, italiano, e lhe foi oferecida a capela de São Benedito ou a de Santa Cruz. Foi escolhida a segunda. E para lá se dirigiram no dia 05 de outubro.

Pe. Henrique Adami descreve a chegada na sua "Verdadeira História da Fundação e Primeiros Progressos da Missão Estigmatina no Brasil":

"Moraremos provisoriamente numa casinha perto da igreja de Santa Cruz da qual cuidaremos; é lá no alto, sobre uma colina, um quilômetro e meio de distância da igreja matriz (de São João Batista). Um de nós ajudará, como coadjutor na igreja paroquial, e o outro ficará lá em cima; estaremos juntos depois da janta. Cuidaremos da Santa Casa, do Asilo dos velhos de São Vicente, do Colégio das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria, e, de vez em quando, se fará uma visita, nos bairros, que são numerosos e espalhados pela zona rural. Existem muitos italianos, e há a esperança de uma boa fundação e, mais tarde de poder erguer um Colégio ou Escola Apostólica, formar nossos estudantes e novos Missionários Estigmatinos.

A casa onde vamos morar, é mais um casebre que urna casa! É térrea, tem dois quartos e uma cozinha de 2 ou 3 metros de largura; o telhado está todo arruinado e chove dentro como se não existisse; portas e janelas desconjuntadas; do piso só pedaços. Qualquer outro talvez tivesse se assustado; não, porém, nós, que para começar a fundar uma nova casa estigmatina teríamos sofrido até coisas piores; Já estávamos acostumados há vários anos! A igreja não é grande, mas é suficiente, graciosa e simpática. Com o tempo tudo se tornará melhor! No entanto o primeiro cuidado do Cônego Botti foi mandar colocar um telefone na casa. Não foi fácil, pois os operários não encontravam um lugar bastante firme para colocar o aparelho.

Ir. Domingos vem do Paraná e os três começam a empreitada.

Pe. Alexandre pintou toda a ábside da igreja, e no meio do altar, no alto, colocou uma coroa de ouro, toda luminosa, que continha no meio a relíquia da verdadeira Cruz de Jesus. Modernizou os dois confessionários e a balaustrada. Ir. Domingos consertou as portas e janelas. Foram colocados bancos, ganhos da velha igreja matriz, e também alguns castiçais e lâmpadas.

Em casa procuramos endireitar algumas telhas, mas continuava chovendo dentro do mesmo modo; não me recordo como e onde encontramos duas ou três camas, daquelas que se fecham sobre si mesmo, por causa do espaço, e na cozinha só se podia entrar um por vez. Dormia-se em dois ou três por quarto, sempre prontos a puxar a cama para lá e para cá, nas noites chuvosas; finalmente, vindo o Bispo de Campinas, D. João Nery para nos dar posse da casa e da igreja (que pertencia à Associação Antoniana), falou aos presentes no seu discurso: "Ajudem estes padres, que vieram para fazer um grande bem a vocês, e moram, como vêm, na casa mais miserável de Rio Claro". Mais tarde pudemos alugar uma casa perto da igreja, um

pouco melhor e mais cômoda; e então, com cordas, em poucas pessoas, derrubamos aquele casebre e aumentamos um pouco o quintal do fundo.

... Ajudados pelo Cônego Botti, compramos um belíssimo cavalo e uma charrete, e ficou fácil para mim atender os diversos conventos e para subir e descer da Santa Cruz à matriz."

(NOSSA MEMÓRIA - Vol. I - Fase. I - pág. 96).